

Babilónia n.º5  
pp. 217 - 236

## A Pintura Junto ao Mar





## A Pintura Junto ao Mar

José Manuel Lopes  
Professoe e Investigador na Universidade Lusófona

«Calmo na falsa morte a nós exposto,  
O Livro ocluso contra o peito posto,  
Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.»

Fernando Pessoa

O ar parecia entornar-se em volta dos seus cabelos e, logo mais em frente o enorme rochedo ainda aí se elevava, embora eu pensasse que continuávamos numa esplanada — há vários anos atrás — desfiando não sei que sequência de queixas, de lamentos, que então, nesse revolutar de garças, corvos e gaivotas, se ia repetindo com uma intensidade mais permanente.

«Ela fora para essa casa após um casamento de conveniência... Chamava-se Catherine Ludlow, se não estou em erro... O pai era um comerciante de Nova Inglaterra mas a mãe era portuguesa... Deveriam manter sabe-se lá que negócios com esse cavalheiro muito aprumado, mas um pouco bronco, que, por volta de 1939, lhe pedira a mão, durante uma grande festa numa remota residência vitoriana dos arredores de Fall River...» Tudo isto me contava Ana, distraída já com a chegada do último barco da tarde, vindo das Berlengas.

«Queres tu dizer que, educada num meio minimamente urbano, passou a viver nessa casa à beira da falésia, enquanto esse tal marido, que ao fim de quatro meses de a conhecer se casou com ela, continuava embarcado, vá lá saber-se por que paragens de lá ou de cá?»

«Mas ela tinha as suas defesas...» acrescentou logo Ana, com um sorriso malicioso.

«Pois... Era rosacruziana... Mas de que lhe valeriam tais querenças num deserto em frente ao mar...

»Para mais era bastante convincente, capaz de influenciar alguém que lhe aparecesse nesse jardim de arbustos mirrados e flores ressequidas, sempre batido pelo vento... Creio que teria começado pela professora primária, outra

desenraizada. Esta crescera nas Caldas da Rainha, originária de uma família de comerciantes abastados mas republicanos ferrenhos e tão católicos quanto Afonso Costa... Estava tudo pronto, creio eu... e poderemos sem grande dificuldade imaginar de que modo, Olga, a tal professora desterrada nessas paragens, teria aparecido nesse arremedo de jardim — por detrás da casa dela, junto à construção do armazém-dispensa onde se guardaria todo o tipo de coisas para esses longos Invernos —, para apreciar não sei que planta mais rara... Daí à conversa que entabularam nessa tarde de Maio, em que a outra se afastara para uma longa passeata, não teria demorado senão alguns instantes... Olga ficou logo muito impressionada com uma certa cruz violeta sobre um fundo azul-celeste, com a grinalda de rosas e talvez com os laivos desses raios dourados que a tudo pareciam dar um relevo incongruente... Depois, já estavam a tomar chá, a entrar e a sair da sala para esse terreiro aberto em frente ao mar, como se se conhecessem há já vários anos... Imagino-as numa espécie de bailado: a imigrada de tez muito clara e cabelos alourados; a tal professora muito morena e talvez bastante mais ingénua. A primeira de fato escuro; a outra com um vestido de fundo branco onde se estampavam miosótis de um mesmo azul em que essa cruz engrinaldada parecia flutuar...»

«Ébrias...» atrevi-me a perguntar, com um tom afirmativo.

«A princípio só de chá, e não me parece que os bolinhos de manteiga lhes tivessem subido à cabeça...»

«Se há tantas maneiras de se iniciar uma amizade...»

«Mas não será necessário esse teu tom mordaz... Não sei se estás a ver... Estão ambas sozinhas, abandonadas... Olga, por mais que nos possa surpreender, é uma ávida leitora; Catherine possui, bem a propósito, de uma vasta biblioteca... Creio que trocam, a princípio, uns quantos livros de contos de Lord Dunsany e de Arthur Machen... Não me perguntes se a tal professora tinha inglês suficiente para os ler, mas receio que, neste momento, já tenhamos saltado a erichada cerca da credibilidade... Começamos até a penetrar nesse espaço em que Catherine, com um delíquio de olhares pseudovirginais e arrebatamentos aparentemente sinceros, lhe começa a emprestar publicações da já então extinta Aurora Dourada... Olga devora tudo o que a outra lhe põe nas mãos... São longas as noites no seu casebre, na companhia de um casal de camponeses ainda novos, mas com dois filhos pequenos... *Estou a vê-la neste momento*: Acaba de entrar nesse tugúrio. Quase nem lhes dá as boas-noites. Vai direita ao quarto, acende o candeeiro de petróleo e lê... lê que nem uma perdida até ao alvorecer, antes de

entrar nessa exígua e húmida sala de aula, onde os alunos voltam a repetir os mesmos exercícios convencionais do dia anterior... Lê, e à medida que se embrenha nesse processo vai-se perdendo, vai-se reencontrando, é já uma pessoa que ela própria desconhece... “Quem, se eu gritasse [...]”. Mas ela não grita... Ouço-lhe a respiração funda nesse silêncio; o modo como se remexe nessa cama, sobre um colchão de palha de centeio; como olha já estonteada para a chaminé fuliginosa do candeeiro; como caminha agora, sem mesmo se dar conta, através dessa grinalda elipsoidal, no ponto em que convergem os braços dessa cruz flutuante, na irmandade lunar do Sol, pelo deslize estanhado de uma possível luz nocturna... São, como poderás agora compreender sem qualquer esforço, amigas íntimas. Estamos em Julho, se me permites o salto. Uma delas borda uma toalha bem perto dessa falésia, vendo esse sol que se afunda em vagas sempre procelosas; a outra olha apenas para ela, com a cabeça ainda atormentada pelas leituras da noite anterior. “Explica-me melhor como é que *essoutro* Jesus Cristo?...”» pergunta-lhe Olga de chofre. E ambas se riem, a ponto de se reboarem deslumbradas por esse chão de ervas rasteiras...

«Sim, mas ainda não me contaste quase nada... Não me parece que haja, no entanto, qualquer substância de enredo no que acabas de me dizer... Bem sei, não duvido, estão aí ambas... Uma, pelo que me deste a entender, é uma senhora casada que tenta preencher o espaço deixado por um marido embarcado em negócios, por quem ela, aliás, até nem sente grande afecto; a outra, apesar de tudo, é-me mais familiar. É uma das muitas professoras destacadas e chutadas de posto em posto, por décadas e décadas de cegas e mesquinhas políticas de educação... Este ano em Trás-os-Montes, para o outro no Algarve, e se refilas, 'té t'atiramos prà Madeira... Mas creio que será melhor não irmos por aí...»

«Nem haverá necessidade disso, quando o posto, o do Possalgueiro, é dos mais remotos, e a casa se abre — cada janela da sala e de cada quarto — para este mesmo mar...»

«Mas...» acrescentou ela ainda.

«É claro que não te contei ainda tudo... No entanto, se já reparaste, está a anoitecer, este ar gelado já não é o mesmo de há pouco, e a ventania, ainda que fortemente salgada de perfumes, já quase me não permite visualizar nada...»

Foi só na manhã seguinte, quando entrei no estúdio de janelas muito rasgadas em que a Ana costumava trabalhar, que me deparei com uma enorme tela que ela deixara exposta, após lhe ter retirado uma espécie de lençol de lona, cheio de manchas de tinta, com que a costumava cobrir.

Aí estava tudo outra vez, pensei. Todavia, não era de modo algum a mesma coisa: A casa parecia-me, não me perguntem porquê, mais... recuada. A luz não era a que eu tentara adivinhar... nem as cores... nem a acção imóvel desse vento impossível, onde tudo parava dançando, suspenso, atardado, quase à flor da pele.

Lembro-me de ter aí ficado de pé, durante longos minutos, diante desse enorme quadro. Era, e não era *isso*... Agora podia contemplá-lo, mas um outro sentido me parecia faltar. Estava apesar de tudo preso a esses contornos, indiferente e apaixonado ao mesmo tempo.

«*Come, come with us...*» Não se me dirigiam, de facto, mas as suas presenças nesse quadro, de quatro metros por dois, começaram a invadir-me com uma espécie de conhecimento prévio que, sem que me desse conta, me ia atraindo cada vez mais.

Ora pareciam acenar-me, nesse jardim, ora as via sentadas, numa imobilidade retorcida de arbustos que, ocultando parte das paredes da casa, revelava contudo uma janela ao pôr-do-sol, numa luz vagamente acesa e, mais ao fundo, os contornos semi-esbatidos de um outro quadro ou gravura na parede, em que cruz, rosas e raios de aurora saltavam sem dúvida desse plano recuado, para lhes inundar os rostos de uma claridade (aprendida?) que nunca poderia ser igual à que parecia espalhar-se por essa superfície.

«Aqui, deste lado, já não consigo ver quaisquer formas...» comentei.

«Eu também não. De modo que ainda não o concluí... A princípio, ainda pensei desenhar a chegada de uns quantos sócios do marido que aí aparecessem de surpresa, sabe-se lá por que meio de transporte, para informarem Catherine acerca de um assunto da maior urgência. O contraste entre os seus fatos escuros, se bem que já muito empoeirados, e a pose quase aérea e distraída de ambas atraiu-me de início... O efeito, porém, seria demasiado semelhante ao de uma colagem. Acabei por entornar para esse lado direito ainda mais arbustos, até me ter posto a pensar que esses florões magenta, contra gigantescas folhas carnudas de um verde quase negro, nada tinham que ver com a vegetação que eu aí tinha observado, quando me levaste até essa casa abandonada...»

«E isso que importância poderá ter?...» apressei-me a comentar. «Não me disseste ainda ontem que as tais cancelas da credibilidade...»

«Sim. Mas não é bem como tu pensas. Ao contrário das coisas que geralmente escreves, eu nunca poderei pintar essa segmento da tela usando o Condicional ou uma série de Conjuntivos... O que aí colocar estará sempre

presente, nesse Presente do olhar que salta e recua, para depois impor mais frontalmente a sua força...»

«Nunca foi de facto intenção minha contrariar o que dizes, mas acredita que essa tua ideia de uma colagem não me parece de todo despropositada... Os tais fulanos chegam por aqui... Talvez tivessem descido por este carreiro — por este risco mais claro? — que então adquire um tom cada vez mais sombrio, perto deste renque de pinheiros rasteiros. Depois...»

«E acreditas que os vão querer receber?!»

Senti nesse instante, agora que o recorde, o peso arrastado de um longo e quase enraivecido silêncio... Por detrás do centro dessa divisão onde me encontrava, Ana via-me a observar esse mesmo quadro ainda não acabado, se bem que eu não duvidasse de que fora ela quem corraera diante de mim, logo que essa casa em ruínas lhe surgira, numa manhã de Setembro, perfeita e nítida contra os riscos de espuma que a despenhada altura das vagas ia cuspindo mais na sua frente.

«Não estou, de facto, a ver...» mas eu também não quis insistir mais.

Só alguns minutos mais tarde, lhe senti os braços em volta dos meus ombros e a sua respiração contra o lóbulo da minha orelha esquerda.

«E agora? Ainda achas que deveria aí inserir esses fulanos, quando elas estão tão entretidas, nessa mesa de pátio, a recitarem uma à outra passagens de um livro que eu iria jurar ter sido escrito por Aleister Crowley, esse demonólogo?»

«Não, de modo algum...» respondi-lhe, sem mesmo me dar conta do que lhe dizia. Pareceu-me ligeiramente prematura essa minha reacção. Talvez fosse mesmo um pouco infantil, ou demasiado espontânea. De súbito, porém, era como se ressentisse essa sua intrusão, no olhar que eu aí ainda mantinha preso a essa vasta tela. Quem sabe se, sem mesmo se aperceber, ela aí tivesse concebido um dos momentos de que faláramos, agora carregado pelas sombras esguiadas desse fim de tarde, que já começavam a invadir o estúdio.

«Creio que, quando esses “funcionários” do marido da outra aí tivessem chegado, já Olga teria começado a aprender a evocar (a dialogar?) com a alma de um tio por quem ela sempre sentira um grande afecto. Digamos, para já, que se tratava da pessoa que a iniciara no gosto pela leitura. Se alguma ligação ilícita teria ocorrido entre ambos é qualquer coisa que, para já, não me preocupa absolutamente nada... O facto é que, junto de Catherine, ela acaba por adquirir, pela primeira vez, um certo (como direi?) sentido religioso... Não se trata, como é óbvio, nem dos pavores nem das certezas de uma religião oficializada... Mas

antes de uma coisa inteiramente nova que, esses imensos finais de tarde, no alto dessa falésia junto ao mar, começavam, sob o discreto desvio dessa súbita amizade, a alimentar... Ora, quando esses tais fulanos aí chegam, em 1941, em plena Guerra, já Olga deverá estar a viver em casa da mulher que vira pela primeira vez no jardim... *neste mesmo jardim...*» e apontava na direcção da tela, para continuar:

«Numa aldeia, não muito distante, começa a ouvir-se toda uma série de insinuações. Não porque vivessem na mesma casa, mas devido ao facto de nenhuma atenção prestarem ao Padre Constâncio, e de não se misturarem, nem mesmo nos dias de festa, com a restante população... Há quem lhes chame bruxas, excomungadas, coisas assim... Mas nada disso as atormenta. Estão agora, se me desculpas a expressão talvez demasiado forte, “imbuídas de um saber” que em nada se compadece com a restante pequenez humana que as rodeia... Começam a ser verdadeiramente estranhas, estrangeiras, extravagantes... Será talvez o eco de tudo isso o que eu quis captar, sem que, como poderás estar já a ver, o tivesse ainda conseguido...»

«Mas coisas dessas não cabem numa pintura. Não achas que serão mais do domínio da escrita?»

«E que é pintar? Não será também escrever, de certo modo?...»

«Não duvido, mas não creio que seja bem a mesma coisa...»

«Talvez tenhas razão. Mas se conseguir pelo menos ecoar na minha tela parte da informação que te relatei, já me sentiria bem mais... Sei lá!... É por isso que tudo o que vês neste momento é apenas um esboço... uma tentativa que já se arrasta desde que me mostraste essa casa abandonada...»

«Mas repara, não será essa mesma “informação” algo que tens vindo a inventar, a ficcionalizar, desde que nós começámos a manter, como um dado afastado, a função que essa casa irá ter, logo após a Guerra, como posto da Guarda-Fiscal?»

«E que coisa chã é essa?...»

«Pois...»

Retido num liceu em Lisboa durante os próximos dois meses, foi só depois do Natal que me consegui libertar de todas as celebrações e encontros que os meus colegas tinham planeado. Com efeito, mal conseguia esperar para ver se a tela da minha velha amiga tinha avançado. Enfim, se estava finalmente concluída. Antecipava já as semelhanças, as diferenças, as possíveis correcções ou ajustes,

tal como a torrente de comentários explicativos que ela, sem dúvida, me iria fornecer, antes mesmo de eu lhe começar a fazer perguntas.

Foi só no dia 28 que entrei no seu estúdio, indo desafiá-la para a farra de um Ano Novo, que todos julgavam vir a ser mais feroz e mais louca do que nunca. Lembro-me de ter subido, dois a dois esses degraus, e de lhe ter batido à porta com o coração a brincar-me no peito. Queria vê-la, é verdade, mas, mais do que tudo, ansiava por espreiar os olhos por essa enorme tela.

Esta estava coberta com os mesmos grandes lençóis que vira anteriormente.

«Não me perguntes por que razão a não acabei ainda... Sei bem o que tu queres. Veres tudo finalmente concluído, como na pós-reverberação de um incrível *flash*... Alguns meses depois, sobes esta minha escada a correr para me veres, mas não sou eu quem tu procuras... O que realmente anseias por contemplar — não me mintas — é o que guardo ali escondido... a tela das duas amigas, não é verdade?...»

«Sim, mas...» Arrependi-me logo da sinceridade com que o dissera. A bem ver, já não a via há pelo menos alguns meses, e, nessa altura, por um estranho motivo que se me parecia escapar, estava a confirmar-lhe, sem rodeios, o que ela desde o início suspeitara.

«Senta-te naquele sofá...» sugeriu-me com uma determinação, que eu julgava não lhe conhecer, e acrescentou:

«A história, como a consigo conceber, não poderá acabar tão depressa... Há muitas pontas soltas por dentro de tudo isto... Segundo me informaram, cerca de doze anos mais tarde, a nossa Catherine desaparece (o seu verdadeiro nome pouco importa)... Até aqui, ou por enquanto, nada de especial...» Os seus olhos adquiriram então um brilho, a um tempo baço e iluminado. «Eu própria desapareceria amanhã se os meus pais não estivessem internados nesse lar que tu bem conheces... O facto é que ela morre... morreu... Seria quase a mesma coisa se não a tivessem sepultado sob o sobrado da sala em que ambas, ela e a Olga, costumavam conversar...» e acrescentou, após uma pausa:

«Agora escuta-me, pois isto parece ultrapassar, ainda mais bruscamente, todas as nossas prévias margens, cercas ou fronteiras de credibilidade: O corpo de Catherine é descoberto por um passeante que, doze anos mais tarde, vê, a princípio, algo como a tampa de um caixão, exposta rente ao sobrado apodrecido, com uns quantos seixos brancos sobre uma tampa de madeira. É esse homem quem levanta essa mesma tampa, para dar uma vista de olhos ao que aí se esconde e logo alertar as autoridades...»

«Continuas a inventar...»

«Se as coisas ao menos fossem assim tão simples...» Vi-a então atirar deliberadamente para o chão, com um gesto travesso, o frasco onde mantinha os pincéis em terebintina.

«Então são mais complicadas...» disse-lhe, com uma ironia que até a mim me surpreendeu. «Que me queres dizer?» acrescentei. «Que comesças a tecer uma história para uma pintura que não consegues acabar, e que depois...» Chocou-me então o tom desprendido que percebi na minha voz e, já com um olhar mais calmo, olhei para ela, como se só então aí tivesse acabado de entrar.

A minha amiga pareceu ignorar por completo a minha reacção.

«Estava intacta, estás a ver?... Ao fim de doze anos de sepultura, por baixo desse soalho húmido junto ao mar... estava intacta, incorrupta, bela e inteira como no dia em que aí a tinham colocado...»

«E a Olga?...»

«Segundo me disseram, compareceu à exumação, fez uma quantas perguntas a um médico e ao tal Padre Constâncio, que quase desmaiou logo que tudo foi revelado.»

«E a tua pintura?» arrisquei.

«Uma tela poderá sempre ser apagada com mais tinta, ser pintada por cima... Já os teus romances...»

«É bem mais fácil, acredita...»

«Mas não é a mesma coisa...» comentou, com um modo brusco que não era seu hábito.

Foi só no Verão seguinte que me atrevi a sugerir-lhe que me mostrasse a tela, que ela me garantia estar, «por enquanto, mais ou menos acabada».

Contemplava-a uma vez mais. «E que título lhe irás dar?» perguntei-lhe.

«Não faço ideia, só quando a tiver mesmo completado...»

De súbito, era como se também eu tivesse entrado dentro dessa pintura. Conhecia a incidência dessa luz, as cores que o alvorecer e o fim da tarde preenchiam de tons vagamente dourados, verdes fulvos, almagre, zircão, terra-de-siena, violeta... Contudo, o mar que via, muito revoltado diante de mim, estava agora absolutamente silencioso, e o ar algo espesso e carregado, como se me encontrasse nos bastidores de um palco. Sentadas a essa mesa, perto de mim mas todavia distantes — pois eu para elas deveria, sem dúvida, ser invisível — julgava ouvi-las falar do desabrochar da Alma e da Iluminação que brotaria de

não sei que teosofias... Porém, eram sensuais os seus gestos, e húmidos e brilhantes os olhares que trocavam entre elas. «E o teu marido vem quando?» perguntava Olga. «Carregado de dólares ou de jóias de contrabando?...» respondia-lhe a outra, com um tom sarcástico na voz. E ambas se riam francamente, acabando por entrar abraçadas pela porta da sala térrea, onde pensei ter ouvido o som desarticulado de um piano.

«Não me digas que descobriste alguma falha flagrante...» Era a minha amiga, que já deveria estar a estranhar o modo como eu aí ficara especado. Então, a meio desse estúdio, já me conseguia aperceber do cheiro a óleos, a terebintina e a cera queimada.

«Creio que ainda não te disse de que modo essa amizade vem a ter o seu fim...»

«Envelheceram, sem dúvida...»

«Apenas Olga, pois Catherine, como te contei, morre poucos anos depois, em circunstâncias que, para mim, ainda permanecem misteriosas. A professora também não envelheceu assim tão subitamente e ainda mantém, não me perguntes como, uma certa frescura, uma acesa juventude nos olhos. Foi de facto ela, que já não vive isolada nesse local, quem me contou o modo como tudo se teria passado. Se bem que, grande parte dessa história seja, indubitavelmente, do domínio do inacreditável.»

«Não tinhas mencionado corpos incorruptos?»

«Sim, e sê-lo-ia verdadeiramente o de Christian Rosencroitz, esse mago das distantes Bavieras?»

«Mas de que estás a falar?...»

«Do corpo incorrupto do fundador dessa Ordem secreta...»

A noite entrava já por essas altas janelas de vidraças, quando Ana, que já bebera dois cálices de um licor que eu achara demasiado adocicado, me começou a relatar, com mais pormenores, essa história inverosímil.

«Disse-me Olga, numa manhã de Primavera, já quase nos finais da Guerra, ao entrar na casa em que tinha vivido alguns meses, mas da qual ainda possuía a chave, que encontrara Catherine deitada na sua cama impecavelmente feita, vestida de roxo sobre uma colcha de seda azul, a cabeça coroada por uma grinalda de rosas vermelhas, hirta, com as pregas do vestido longo muito direitas e as mãos cruzadas sobre o estômago, segurando um pequeno livro semelhante a um missal...»

«Queres tu dizer que estava morta?»

«Sim. Ainda que as suas faces coradas não apresentassem quaisquer sinais de rigidez e Olga até lhe tivesse adivinhado um secreto sorriso nos lábios... Era beatífica essa cena, intensamente perfumada pelo cheiro doce das rosas e pelo odor acre do mar... Talvez me achasses ridícula se te dissesse *que a estou a ver aí estendida...*»

«Se fosse um suicídio, como se poderia pensar, duvido que pudesse estar aí assim, tão impecável...»

«Essa ideia está fora de questão, segundo o que pude apurar. No entanto, se apenas tivesse morrido, quem seria a pessoa responsável por toda essa encenação?... Olga jura a pés juntos ter já aí encontrado o que me descreveu.»

«E depois?»

«Depois há um caixão rectangular, de madeira de pinho, que, uma vez posto ao alto, teria funcionado como a inconspícua divisória de um armário na sala. Não me perguntes como... E, algo semelhante a uma disposição testamentária, segundo a qual, Catherine pretendia ser enterrada em segredo, nesse mesmo caixão, cuja tampa servia de improvisada “mesa de trabalho”, junto a um dos janelões dessa mesma sala de estar...»

«Mas enterrada onde?»

«Sob o soalho dessa mesma sala, como te disse...»

«Mas não estavas a inventar?...»

«Olha que não, pois é precisamente aí que a irão encontrar ao fim de doze anos...»

Ana já se sentara a uma vasta mesa, sobre a qual dispusera vários esboços a carvão, como se estivesse a deitar cartas.

«Sim, foi aí que a encontraram...» disse-me ela, com uma seca indiferença e uma vaga expressão de contrariedade.

«E isso ainda te perturba, pelo que me estás a dar a entender...»

«Cala-te! Já te disse que nunca poderia acreditar na história que me contaram.» Em seguida, porém, como se me estivesse a revelar um segredo, acrescentou: «Se bem que seja de facto essa a que mais me fascina, a que ainda me traz presa a essa... a *esta* tela...» e passava demoradamente as pontas dos dedos pelos relevos das suas próprias pinceladas, como se percorresse a pele de uma pessoa amada.

«E encontraram-na?»

«Linda! Era como se nunca tivesse morrido...» Então, quase julguei ver, ou ter imaginado, um rasto contido de lágrimas nos olhos dela.

«Queres tu dizer-me que ao fim de doze anos — imaginando que esse enterro teria também ocorrido em segredo e que Olga aí a conseguira sepultar — a encontram impecável numa casa húmida e batida pelas ventanias do mar, onde tudo apodreceria, e se teria degradado, tal como a vegetação circundante, num abrir e fechar de olhos?...»

«É isso mesmo que te estou a dizer, Octávio... Enquanto as minhas telas se enchem, a cada Inverno que passa, de fungos, de bolor, e até de pequenas crisálidas de insectos que eu não consigo identificar bem, ela surge, ao fim de doze anos, numa casa — que o próprio marido abandonou, logo que soube do seu “desaparecimento” —, mais bela do que nunca, sem a mais ínfima mancha na pele, ainda macia e fresca... as rosas ressequidas, talvez, mas quase vivas em torno de um cabelo que se diria ter sido penteado, ou escovado, há minutos atrás...» Após uma longa pausa, com uma entoação onde eu acreditava ouvir um certo desespero, mas também um forte fascínio, ainda me perguntou:

«E como achas que poderei terminar este vasto ecrã de...»

«Redesenhando-o, através dessa mesma emoção...»

«E acreditas que isso seja possível?...»

Mais tarde, desviando um pouco as atenções do quadro, ainda lhe disse: «Mas ainda não me contaste o que se teria seguido a essa inusitada descoberta.»

«Bem, o tal Padre Constâncio — pois fora convocada pelo Regedor uma pequena comitiva para esse acto de exumação —, não parava, segundo o que Olga me contou, de lhe mexer no rosto, como que para se certificar de que estaria mesmo morta... O médico, que acabara o estágio e fora destacado para uma aldeia próxima, recusava-se a acreditar no que os seus olhos viam, afirmando que se trataria, sem dúvida, de um hábil envenenamento, e que o corpo deveria seguir prontamente para o Instituto de Medicina Legal de Lisboa... Tudo muito prosaico como estás a ver...»

«E sempre a autopsiaram?»

A minha amiga sorriu, deu alguns passos por esse estúdio e, já lá mais ao fundo, encostada contra uma das enormes janelas, continuou o seu relato:

«Ora creio que teremos chegado, precisamente, à mais intrigante manobra, relacionada com uma história em que até os participantes parecem não acreditar... Segundo me contou o Sr. Flávio, o tal Regedor de que te falei há pouco, e que, de acordo com o testemunho de Olga, muitas lágrimas teria vertido quando levantaram a tampa desse ataúde, um grupo de beatas de uma obscura confraria,

decidiu que, enquanto não chegasse a carrinha do Instituto, o corpo deveria ser exposto a meio da igreja, para poder usufruir, pela primeira vez — repara — de um velório condigno. É bom de ver que, apesar dos muitos círios que aí teriam acendido, acabaram por decidir, já de madrugada, regressar a suas casas. E aí deixaram o corpo, numa nuvem de devoto incenso, até que chegasse o profano pessoal para a levar de vez. Além disso, para grande ressentimento de todas, para mais sob as instruções de um médico novo, iriam... retalhar... esse corpo miraculado. Olga, segundo creio, ter-se-ia recusado a participar nessa farsa... Pela manhã, quando vieram pedir a uma espécie de sacristão — um homem com pernas muito curtas e sem pescoço — que abrisse os portais da igreja, esta estava vazia... Esquife, Catherine, tremuras de asas pelas alturas dos tectos abobadados, visões seráficas, odores a pele de criança, a rosas e a açucenas, tudo desaparecera, sem que ninguém pudesse explicar bem porquê, mas sem que, contudo, tais novidades pudessem, verdadeiramente, espantar alguém...»

«Queres tu dizer que teria regressado a *essa* mesma casa?» perguntei, apontando para a tela.

«Não. Pois não demorou até que um grupo de curiosos viesse esquadrinhar todos os cantos e todo o pedaço ainda restante de soalho *dessa* mesma casa...»

«E Olga?»

«Essa professora primária, estamos agora talvez em 1957, disse-me ter tido imensa dificuldade em disfarçar a sua alegria. Lembro-me de se ter voltado para mim, de me olhar muito nos olhos, e me dizer: «Ora, era assim, sempre foi assim, e ainda é desse modo que desejo recordar essa minha saudosa amiga...»

Aqui, Ana parecia imitar o tom de voz da outra, entre o sonso e o indiferente, sem tentar atrasar, apesar de tudo, esse seu relato.

«Ainda lhe perguntei se não teria uma explicação mais plausível para o sucedido. Esta, com um sorriso entre o malicioso e o extático, apenas comentou: “Quando o corpo se junta verdadeiramente à Alma, também já não está em parte alguma...” Recordo-me de a ter olhado de frente, com o ar de quem esperasse uma explicação, mas ela parecia estar com pressa, e apenas me respondeu com uma pergunta: «E sempre nos vai pintar?»

«Então tudo se torna mais fácil...» atrevi-me a sugerir-lhe. «Trá-la até aqui e ela mesma te dará algumas ideias sobre o modo como deverás terminar esse teu trabalho.»

«Mas será que ainda não te deste conta de que as coisas não são assim tão lineares?... A Olga também vem a desaparecer ao fim de uma semana...»

«Em eco... Quero dizer, em circunstâncias igualmente misteriosas...» aventei, já extremamente satisfeito com esse tipo de conclusão. «Então tudo é bem mais simples, apenas terás que apagar ambas as figuras do teu quadro, para concentrar todas as tuas energias na casa e no seu poder de sugestão...» acabei por lhe dizer.

Ana olhou para mim, quase como se não conseguisse acreditar no que acabara de ouvir. «Talvez... tenhas... uma certa razão... Mas não era bem isso o que eu queria...»

Foi apenas, durante um breve fim-de-semana em que aí regressara por acaso, que pude tocar à campainha do seu estúdio. Essa pintora parecia-me, contudo, um pouco mais magra e macilenta, se bem que, sob toda a intensa chuva que se abatera nas últimas semanas, não a esperasse ver calma ou descontraída, ou mesmo tisonada pelo sol.

Contra a parede, que ficava paralela a essas rasgadas janelas, pude logo identificar o volume dessa tela, agora coberta com os vários lençóis manchados, mas contra a qual ela colocara toda uma série de outros trabalhos de menores dimensões. «Não fazes ideia do que tem sido esta minha saga...» disse-me, com um olhar mortiço onde, de súbito, me pude aperceber do seu imenso cansaço.

«Tens que me mostrar todas as transformações do teu quadro.»

«Pois tenho, e olha que desta vez até insisto em fazê-lo.»

Começou logo, com um arrastar moroso de passos que eu nunca lhe imaginara, a deslocar-se de um para outro lado. Uma vez por outra, encolhia os ombros, passava as mãos pelo cabelo, parecia dirigir o olhar ora para o tecto ora para essas vidraças, onde se eriçava um arrastado e opaco nevoeiro.

«Preciso, apesar de tudo, de testemunhas... A não ser que já esteja a ficar louca...» disse-me com uma voz pastosa, ao fim de largos momentos.

«Deverás estar a exagerar, a inventar coisas, como já é teu costume...» comentei, como se para a acalmar. Logo de seguida, parecendo ignorar por completo o seu estado, o modo como ela por ali se deslocava semelhante a uma sombra, apressei-me a sugerir: «Ora vejamos essa tua grande produção...»

Ela apenas olhou para mim, como se duvidasse do que eu lhe acabara de dizer. «Eu ajudo-te. Onde queres que ponha estes outros quadros?» acrescentei.

Apesar de já ter sido informado, e de eu mesmo o ter sugerido, foi, não sem um profundo desapontamento, que me dei conta de que as duas amigas já não faziam parte dessa pintura. Agora, o tema dominante era tão-só a casa, pintada de um branco baço, onde se revelavam já riscos e manchas nas paredes. Com efeito, em alguns lugares, a ausência de reboco mostrava já alguns adobes, dos quais pareciam escorrer traços de uma estranha baba alaranjada, semelhantes quase à representação convencional de uma torrente de lágrimas. Também a cantaria das janelas apresentava fendas e falhas e, em algumas delas, já não se viam caixilhos nem portadas, revelando-se antes grandes rectângulos que me surgiam com a reverberação de uma espécie de claridade negra. Surpreendeu-me também o céu, de um azul indefinível mas extremamente pesado, e a vegetação — talvez demasiado luxuriante — que, por detrás da casa e mais ao fundo, parecia impor a respiração de uma sebe impenetrável. Em primeiro plano, porém, via a terra, a areia e os seixos que aí tínhamos encontrado, quando da nossa improvisada visita. Um serpentear de uma cor bem mais viva, todavia, atraiu-me logo a atenção. Na verdade, parecia quase saltar dessa superfície. Tratava-se, segundo me pude aperceber, de uma fita de cetim cor-de-vinho (ou de sangue coalhado), que em tempos uma dessas mulheres teria usado no cabelo.

«Olha que não está nada mal... Que me agrada bastante... Quase nem me apetece desviar os olhos do que estou a ver... Sim, tens aqui, sem dúvida, um dos teus melhores trabalhos... e acredita que a ideia de omitires essas personagens, tal como a mesa onde se costumavam sentar, veio, como eu já suspeitara, beneficiar bastante todo o conjunto. A presença da casa, por exemplo, é agora mais real, mais impositiva, mas dá também lugar a todo um destaque de superfícies geométricas que, na tua versão anterior, não tinham um igual relevo.»

Foi ainda no fogo de todo esse meu sincero elogio que acrescentei:

«E como detalhe, adoro esta convulsionada fita de cetim...»

Sem saber por que o fazia, aproximei-me mais, toquei-lhe com um dedo, e só então reparei que a tinta estava ainda muito fresca, como se Ana a tivesse acabado de pintar.

«Acredita que não fui eu... quem pintou isso...» observou a minha amiga, com um olhar de tal modo atormentado que, pela primeira vez, me apercebi de que deveria estar verdadeiramente doente.

«Então... quem a teria pintado?...» perguntei-lhe, tentando, a muito custo, não perder a calma nem erguer o tom de voz.

«Foram elas... creio eu...» e, após um pesado instante de silêncio, comentou: «É claro que estou bem consciente de que ninguém poderá acreditar no disparate que te acabei de dizer...»

«Então...»

«É como te digo... Depois de as ter apagado, numa tarde de chuva — se bem que ainda aí continuam em palimpsesto —, reparei, na noite desse mesmo dia, que a professora me espreitava, através dessa janela do lado esquerdo. Era aí, com certeza que ficava o quarto de visitas, o quarto dela... Enchi logo esse pincel mais grosso, que vês a teu lado, de uma tinta preta bem espessa... Curiosamente, quando o ia já a pousar sobre a inexplicável presença desse rosto, ela desapareceu subitamente... Na manhã seguinte, era a silhueta de Catherine, enevoada, bem sei — do modo como concebemos os fantasmas —, o que me aparecia no lado direito da casa, a dirigir-se para esse espaço que, como bem sabes, se situa na parte de trás...»

Aproximou-se então de mim. Pousou-me um braço no ombro que me pareceu mais leve, mais descarnado, e quase me sussurrou ao ouvido:

«Se não te importas, gostaria que aqui pudesses ficar comigo, pelo menos durante mais algum tempo... Se não tiver de facto enlouquecido, talvez, quem sabe, te pudesses também aperceber do que te acabo de contar...»

«Creio que, uma vez mais, exageras... Bem sei... passaste longos meses a retocar, a alterar-lhes as poses e, visto as teres substituído por todos esses detalhes quase abstractos, no chão desse pátio, acreditas que elas ainda por aí se movam...» Depois, com uma entoação mais afável, aventurei: «Trata-se apenas de uma impressão tua... do tal poder sugestivo que a casa iria acabar por adquirir, tal como te dei a entender... É só isso, acredita, e olha que este teu isolamento, entre as paredes deste estúdio, também não te está a fazer nada bem...»

Já mais tranquila, Ana propôs-me então que, no dia seguinte, voltássemos a essa casa abandonada.

«Trata-se de um longo passeio a pé...» disse-lhe, em tom de aviso.

«Mas irá fazer-me bem. Estou, como tu acabaste de verificar, há muito tempo fechada aqui dentro.»

Esse nosso passeio desenrolou-se tão normalmente que, por momentos, quase me senti aborrecido. A casa ainda lá estava, quase como Ana a tinha pintado, mas dessas duas personagens não havia qualquer rasto. Já a meio da tarde, descemos até à praia, onde demos um longo passeio pela areia rija e

molhada que a maré baixa acabara de revelar. Mais tarde, recostámo-nos numa duna, de onde se poderia vislumbrar, mais ao fundo e à nossa esquerda, a casa vazia com o seu pátio abandonado.

Ana não demorou muito tempo a adormecer. Todo esse dia de passeio, aliado ao seu cansaço inicial, pareciam tê-la finalmente vencido. Aproveitei então, sem contudo a perder de vista, para dar outro passeio pela costa e observar, com mais detalhe, esse lugar no alto da falésia, em que nenhum de nós acabara por descobrir nada de especial.

A princípio, recordo-me de ter estranhado uma espécie de névoa muito fina, semelhante a uma gaze branca e brilhante que, do topo da chaminé e pelos telhados, começara a descer muito lentamente até ao pátio, e a escorrer pela margem dessas escarpas, como uma vagarosa mas impossível queda de água. Senti uma vontade instintiva de correr para ela e de a acordar. Contudo dominei-me, achando que não me caberia alimentar ainda mais esse seu pesadelo e, sem me aperceber bem na altura do que fazia, comecei a caminhar pela praia, na direcção dessa assombrada residência, para poder ver mais de perto esse véu sôfrego que tudo parecia envolver. Não sei por quanto tempo ali fiquei parado, de olhos postos nessa casa e nesse pátio onde julguei ter visto duas mulheres a correrem atrás uma da outra, com os mesmos trajos antiquados que eu antes observara na pintura. Por momentos, quase poderia jurar ter-lhes pressentido as vozes, os risos, os gestos e os olhares — sim, esses olhares mais inexplicadamente diante de mim —, com que se iam entretendo numa longa brincadeira.

Ao retomar a minha racionalidade, já as ondas de uma irada mas subreptícia maré crescente me encharcavam os sapatos e me lambiam as calças. Todo o areal desaparecia agora rapidamente e, mais ao longe, já via alteadas línguas curvas de espuma contra margens de saibro, pelas quais uma bruma mais grossa parecia agora deslizar, enovelando tudo numa espécie de brancura espessa, translúcida, paralisante. Lembrei-me só então da minha amiga e, com toda a desenvoltura que consegui convocar nos meus nervos e músculos atormentados, pus-me a correr aos tropeções, enterrando os pés cada vez mais na areia, até chegar ao local onde ela despertava apenas do seu sono, e esfregava os olhos de um modo quase apologético.

«Não me devias ter deixado dormir tanto tempo... Sinto o corpo gelado...» e, em seguida, acrescentou: «Imagina que sonhei com elas. Pareciam perseguir-se uma à outra, como se estivessem a brincar às escondidas... Uma bruma leitosa

dominava aí tudo: a casa, o pátio, os próprios gestos de ambas, os corpos que se iam esbatendo, cada vez mais lentamente, em manchas, em rasgões ténues de um branco-de-chumbo...»

«Mas sentes-te melhor...» perguntei-lhe logo, tentando disfarçar a minha respiração ofegante e o quase pânico que me invadia.

«Creio que é já tempo de regressarmos... Poderás, se quiseres, ficar no meu estúdio esta noite. Lá nos arranjaremos...» disse-me com um sorriso cúmplice, antes de acrescentar: «De facto, tinhas razão. Sou demasiado susceptível aos temas que pinto. Mas isso não será de estranhar... Raramente desenho o que vejo, ou, se o faço, acabo sempre por preferir o que aí teria imaginado...»

De volta a esse espaço, diante da enorme tela, era agora eu quem, de soslaio, julgava ver os gestos fugidios de Olga e de Catherine, ora no pátio ora no interior da casa em que uma delas — tinha quase a certeza — acendera um estranho candelabro.

«E onde e quando a irás expor?» perguntei-lhe.

«Não sei... Iria precisar de um grande Salão... Não seria lá muito viável...» Então, em jeito de brincadeira acrescentou: «Olha, estou sempre a lamentar-me por não ter já espaço suficiente neste meu recanto. Vou pregar esta pintura contra a parede. Assim, quando tudo aqui começar a ficar demasiado estreito e atravancado, poderei sempre começar a mudar parte das minhas coisas para essa casa aí pintada. Quem sabe que outros temas aí poderei criar? Que te parece?...» e ria-se já, esquecidamente.

Eu tentava, no entanto, desviar os olhos dessa pintura, onde, por momentos, as julgava ver ainda sentadas, sobretudo Catherine, levantando os olhos do livro que estaria a ler em voz alta, para me dizer uma vez mais: «*Come, come with us...*». Senti então, verdadeiramente, uma vontade incontida de as abraçar, de me juntar a elas, ainda que soubesse que tal seria impossível, pois que, uma vez nesse espaço, nunca mais poderia regressar nem retomar, do mesmo modo, a sequência de tarefas monótonas que dominavam a minha vida.

«De facto, talvez não passe de uma tontinha...» dizia-me Ana, a quem esse passeio ao ar livre dera novas cores, apagando quase por completo a neurastenia a que há tantos meses se entregava. Em seguida, olhando-me muito nos olhos, observou:

«Estás muito pálido... Sentes-te bem?»

«Não é nada que um bom cálice de *brandy* não possa curar...» aventurei, apercebendo-me não apenas do tom de fraqueza na minha voz, mas do facto de que a mesma me soava agora estranha, oca, forçada, quase como se me ouvisse obrigado a recitar uma deixa teatral contra minha vontade.

«Se todos os problemas fossem esses...» disse logo a minha amiga que, já plena e subitamente restabelecida, me parecia então girar a uma velocidade incrível, de um lado para o outro desse estúdio.

«Elas sabiam...» disse eu inadvertidamente, quase num tom de súplica.

«Pois, e sabiam afinal o quê?» perguntava-me Ana, como se me desafiasse, passando-me a mão pelo cabelo.

Lembro-me de, nesse momento, ter fechado os olhos, para os voltar a abrir num espaço que, de início, me pareceu demasiado confinado, artificial, quase irrespirável. Sabia que, nesse pátio aberto sobre o mar, era agora eu quem regressava de uma longa viagem. No interior dessa sala arejada, dominada por essa mesma gravura mística, olhava então para essa caixa de pinho, no interior do armário, e para a mesa onde ambas tinham deixado vários cadernos e uma pilha de livros. Estavam as duas a correr pelo jardim, ou pelo pátio empedrado das traseiras e, sentado num cadeirão, contemplando tudo através de uma janela aberta, que parecia expandir ainda mais todo esse mar, já só apenas esperava que elas voltassem a entrar e viessem ter comigo.